

AS FIGURAS DE JASÃO E HERÁCLES NAS *ARGONÁUTICAS*, DE
APOLÔNIO DE RODES, PENSADAS SOB ALGUMAS PERSPECTIVAS
DE JAMES JOYCE E JAMES GEORGE FRAZER¹

THE FIGURES OF JASON AND HERACLES IN THE *ARGONAUTICA* OF
APOLLONIUS OF RHODES THOUGHT UNDER SOME PERSPECTIVES OF
JAMES JOYCE AND JAMES GEORGE FRAZER

Vinicius Ferreira Barth²

RESUMO: Este breve ensaio interpretativo pretende pensar sobre alguns momentos de partida e desencontro dentro da épica helenística *Argonáuticas*, sob o ponto de vista sagrado de morte e renascimento, desenvolvido por James George Frazer, em sua monumental obra, *The golden bough*, e retomado vastamente por James Joyce em sua última obra, o romance *Finnegans wake*. Centrados nas personagens de Hércules e Jasão, dentro da épica de Apolônio de Rodes, pensaremos em que medida esses heróis, de alguma maneira metafórica, alternam e/ou invertem seus papéis dentro da expedição e, no caso de Hércules, como se inicia a jornada para alcançar o patamar divino de sua existência.

Palavras-chave: Apolônio de Rodes. *Argonáuticas*. Épica helenística. *Finnegans wake*. James Joyce.

ABSTRACT: This brief interpretive essay intent to think about some moments of departure and mismatch within the Hellenistic epic *Argonautica* under the point of view of sacred death and rebirth developed by James George Frazer in his monumental work *The golden bough*, which was recovered by James Joyce in his latest work, *Finnegans wake*. Focusing on the characters of Heracles and Jason within the epic of Apollonius of Rhodes, we will think to what extent these heroes, in a somehow metaphorical way, alternate or invert their roles within the expedition and, in the case of Heracles, how his journey will bring him to the divine level of being.

Keywords: Apollonius of Rhodes. *Argonautica*. *Finnegans wake*. Hellenistic epic. James Joyce.

¹ Artigo recebido em 3 de setembro de 2017 e aceito em 28 de novembro de 2017. Texto orientado pelo Prof. Dr. Alessandro Henrique Poersch Rolim de Moura (UFPR).

² Doutorando do Curso de Letras (Estudos Literários) da UFPR.
E-mail: viniciusbarth@gmail.com



*Yes, you're changing, sonhusband, and you're turning, I can
feel you,*
(James Joyce)

*Por que intentais, contrários ao que Zeus deseja,
conduzir Hércules à cidadela de Eetes?*
(Apolônio de Rodes)

INTRODUÇÃO

O *Finnegans wake* de James Joyce apresenta e desenvolve, entre os seus grandes temas, o ritual cíclico e divino de morte e ressurreição: o *dying god* (o deus que morre), numa (i)mortalidade de seres que são em grande parte tanto simbólicos quanto arquetípicos. O ciclo da morte e renascimento, se pensado metaforicamente dentro do ato da despedida, como vemos nas epígrafes acima, funciona dentro dessa perspectiva como o motor que impulsiona o ciclo natural da reexistência. Mais do que isso, é o motor da eterna renovação dos frutos que proporcionam o fenômeno do mistério da vida. Outra epígrafe que podemos colocar em destaque – um breve *leitmotiv* deste ensaio – está no livro de João 12:24: “Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto” (NOVO TESTAMENTO, 1965, p. 206). Assim, tentaremos pensar em que medida o **divino** está presente e atuando dentro das despedidas e dos desencontros, embasados no pensamento de Frazer a respeito do *dying god*, em trechos do *Finnegans wake* que discutem e retomam esse pensamento, e em episódios dentro do canto primeiro das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes que apresentam o *dying/parting god* como motivo fundamental para o cumprimento de uma jornada, principalmente no que se refere à figura de Hércules no *Canto 1*³.

Joyce, atento ao ritual da morte como necessário para o renascimento e para a continuidade de um ciclo natural – principalmente no tratamento dado ao tema por Frazer em *The golden bough* –, materializa-o, por exemplo, no próprio formato de *Finnegans wake*, no seu não-acabar que reaponta para o início, o **riocorrente** (uma possível tradução, dada pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, para *riverrun*, palavra que abre o romance joyceano). Ou seja,

3 Todas as traduções de trechos das *Argonáuticas* aqui presentes são de minha autoria, tendo sido usado como base o texto grego estabelecido por Hermann Fränkel (1961). A paginação dos versos citados, no entanto, refere-se à edição de Mooney (1912). As traduções de todas as citações em inglês também são minhas, exceto no caso de excertos do *Finnegans wake*, que serão mantidas no original.



apenas com a morte se pode esperar um recomeço próspero: “Na fábula grega, como em seus homólogos asiáticos e egípcios, uma deusa chora a perda de um ente querido, que personifica a vegetação, mais especialmente o milho, que morre no inverno para reviver na primavera” (FRAZER, 2009, p. 349). Assim, pode-se tomar como ponto de partida qualquer parte do livro, partindo-se e retornando, um dia, ao mesmo ponto⁴. O ciclo, além de acontecer no plano formal, reflete-se no plano temático entre seus personagens: a morte e a ressurreição de Finnegan e sua ligação prototípica com HCE; ALP, o arquétipo da figura feminina já implicada desde a abertura do romance, *riverrun*, retomando num gancho o seu monólogo final, além de estar sempre simbolizada pelo ciclo natural das águas e, mais do que tudo, pela figura do rio; Shem e Shaun, gêmeos pesados em lados diferentes da balança e recorrentemente reconhecidos como arquétipos divinos, assumindo personalidades como as de Miguel & Diabo, Rômulo & Remo, Caim & Abel, etc., no eterno círculo de equilíbrio de forças antagonistas diametralmente opostas. Ou seja, tudo é duplo, par e círculo.

MORTE E RENASCIMENTO: PARTIDA E TRANSFORMAÇÃO

A obra enormemente influente de James G. Frazer, *The golden bough*, estudada e referenciada por Joyce inúmeras vezes dentro do *Finnegans wake*, trata, como vimos na citação mais acima, do rito do *dying god* – a morte e ressurreição de um deus em ciclos anuais – ligado principalmente a rituais de colheita – principalmente do milho – remetendo-nos a figuras mitológicas rurais como Deméter e Perséfone, divindades associadas à vegetação – além de cultos como os de Átis, Osíris, Adônis e Dioniso, figuras também recorrentes dentro do *Finnegans wake*. Assim, o mito da morte e renascimento do homem gira em torno de alguns eixos principais:

The golden bough é um esforço enciclopédico para mostrar que as expressões religiosas do homem ao longo da história giram em torno das ideias de sexo, morte, imortalidade e direito. Assim, seu mundo gira em torno de símbolos fálicos, rituais de fertilidade, sacrifícios solenes, sinais de ressurreição e tabus ou proibições contra o crime. Substancialmente, o

⁴ “Como convém a um livro de estrutura cíclica e simultânea, as imagens e alusões, até a morte e o deus moribundo, continuam durante todo o resto de *Finnegans Wake*” (VICKERY, 1973, p. 422).



mesmo foco se vê no *Finnegans wake*. (VICKERY, 1973, p. 410)

Com efeito, tal é a síntese de Frazer sobre causas e efeitos do deus que morre e renasce, e que estão refletidos nos personagens criados por Joyce:

O assassinato do deus, isto é, da sua encarnação humana, é, portanto, apenas um passo necessário para o seu reavivamento ou ressurreição em uma forma melhor. Longe de ser uma extinção do espírito divino, é apenas o começo de uma manifestação mais pura e forte disso. (FRAZER, 2009, p. 269)

A leitura que faço neste ensaio é a de interpretar a curiosa partida de Hércules, dentro das *Argonáuticas*, como necessária para o cumprimento da jornada, lida aqui como um ciclo encaixado dentro dos propósitos divinos. Assim, tentamos ler a partida como simbólica para que se dê um passo em direção ao cumprimento completo de uma jornada prevista no plano divino, além de ser também um passo para a ascensão. A partida e a despedida de personagens-chave dentro do enredo argonáutico são recorrentes, e representam sempre um ponto de virada tanto para a aventura quanto para o estado psicológico dos personagens envolvidos na trama. Vou, portanto, me ater principalmente ao que é relacionado com as figuras de Jasão e de Hércules (esta sendo anômala entre os heróis da nau) e com os efeitos causados pela sua partida da expedição.

Em primeiro lugar, é preciso ter atenção para o fato de que Jasão, o líder da nau, é um herói novo, inexperiente e incapaz em diversos aspectos. A votação lançada pela expedição dos argonautas para que encontrassem um líder para guiá-los ignorou, desde o início, a sua presença e a sua autoridade, mesmo que fosse ele o organizador da aventura. Todos os votos recaíram sobre Hércules. Assim, devemos ter em mente que o contraste entre os dois heróis é muito claro e está sempre posto. Além disso, estamos levando em conta o lado divino desses seres, em suas **decadências** (no caso da autoridade de Jasão eclipsada por Hércules) e **partidas** (mesmo que acidentais, como veremos adiante), lembrando que Jasão é favorecido por Hera, deusa antagonista de Hércules e cujas forças influenciarão os rumos da aventura. Pois bem, assim foi a votação para a liderança:



“Agora, sem rancores, dentre vós o líder
escolhei, *que de tudo possa encarregar-se,
de acordos ou contendas co’ estrangeiros trate.*”⁵
Falou; e os jovens espreitaram bravo Hércules,
sentado ao centro; e em una voz todos clamaram
elegendo-o; e sentado no lugar que estava,
disse aos demais, erguendo a sua mão direita:
“Ninguém essa honraria me conceda, pois
não me induzem, e impedirei que se ergam outros.
Que nos comande aquele que nos reuniu.”
Falou em tom grandioso; e aprovou-se a ideia
de Hércules; e ergueu-se o próprio Jasão bélico,
exultante, e aos ansiosos heróis dirigiu-se: (...). (APOLLONIUS
RHODIUS, 1912, p. 91-92, 1. 338-50, ênfase acrescentada)

Pois bem, elegi aqui dois momentos do primeiro canto do texto de Apolônio que leremos como pontos de ascensão da figura de Hércules à sua autoridade divina por meio da partida. O primeiro momento está na estadia dos heróis na ilha de Lemnos, situação em que todos os heróis são recebidos por essa ilha de mulheres e ali acabam presos por um cotidiano de prazer e fartura. Tendo sido Jasão bem recebido pela rainha Hipsípila, assim como os demais heróis da expedição com seus pares, vemos que se queda Hércules com alguns poucos comparsas junto à nau Argo (v. 855-6), num momento em que a expedição é interrompida indefinidamente. Lemos esse momento como o primeiro momento de rebaixamento de Jasão como líder da jornada, quando seu destaque como líder é ainda eclipsado pela figura homérica de Hércules⁶. Este, que durante o primeiro canto funciona como um motor primordial de movimento da aventura, influenciado pelas ações divinas em vários momentos, como veremos a seguir, revolta-se contra a demora dos heróis em se retirarem da ilha, fazendo com que a roda da jornada volte a girar em torno da busca pelo velocino de ouro:

⁵ Observe-se a função primordialmente diplomática aplicada ao líder dessa expedição, elementos que se centrarão em Jasão.

⁶ Apolônio reutiliza um epíteto que Homero já utilizava para o herói. Cf. *Il.* 2. 666: *βίης Ἡρακλεΐης*: poderoso Hércules; epíteto esse que não é aplicado ao líder Jasão em nenhum momento.



Assim, dia após dia, atrasava-se o passo
da jornada; e mais longo tempo ficariam,
se Hércules não tivesse apartado os consortes
das mulheres, dizendo a eles tais censuras:
“Malditos, nos tomou a morte de um parente
de nossa terra mãe? Ou p’ra arranjar noivados
viemos p’ra cá, deixando lá nossas mulheres?
Agrada aqui morar e arar campos de Lemnos?
Pois poucos louros colheremos se ficarmos
com tais exóticas mulheres. Nenhum deus
concederá por nossas preces velo autômato.
Que volte, então, cada um por si; e sobre o leito
de Hipsípila p’ra sempre o deixai, ‘té que Lemnos
povoe com garotos, alcançando-o a glória.”
Ralhou assim co’ bando; *olhar nenhum se ergueu
a ele e nem palavra alguma, oposta, ouviu-se;*
assim, saindo da assembleia se aprontaram
com pressa. (APOLLONIUS RHODIUS, 1912, p. 122-123, 1.
861-78, ênfase acrescentada)

Vê-se que a autoridade de Hércules é incontestável até aqui, havendo duas menções de jornada em busca de glórias – tema fundamentalmente homérico, tal como ocorre com a figura de Aquiles em seu emblemático dilema ao partir para Tróia – e também um rebaixamento da autoridade da figura de Jasão, garoto incapaz que entregou-se ao prazer e à fuga, e sua única qualidade para alcançar a glória seria através da sexualidade e da dependência do feminino (e sobre o leito / de Hipsípila p’ra sempre o deixai, ‘té que Lemnos / povoe com garotos, alcançando-o a glória)⁷, fato que se repetirá notavelmente com a sua dependência de Medeia para a realização dos jogos propostos por Eetes para a conquista do velo. Assim, em contraste com os personagens homéricos Aquiles – representado sempre pela ira e pelo valor guerreiro – e Odisseu – pela *métis*, a

⁷ “I’ll close me eyes. So not to see. Or see only a youth in his florizel, a boy in innocence, peeling a twig, a child beside a weenywhite steed. The child we all love to place our hope in for ever. All men has done something. Be the time they’ve come to the weight of old fletch” (JOYCE, 2000, p. 621, 29-32).



astúcia e a abundância de recursos – Jasão tem atribuído a si um epíteto marcadamente pouco homérico: ἀμήχανος. O adjetivo, que traduzi por “sem recursos”, aparece em um momento em que Jasão é acusado pelos companheiros de mostrar um semblante temeroso e incerto. No canto primeiro essa ideia volta a ser associada a Jasão na ocasião do abandono acidental de Hércules (v. 1280-6), que veremos a seguir, episódio que causa uma considerável comoção entre os tripulantes, e que Jasão se mostra incapaz de encarar como líder da expedição, pois se encontra ἀμηχανίησιν ἀτυχθείς (aturdido, débil ou incapaz, pela situação em que se encontra). Talvez civilizado em demasia para seu destino aventureiro, sem a coragem vital dos heróis arcaicos nem a força passional como a de Medeia⁸, parece se limitar a cumprir com a penosa tarefa imposta. Ele é um protegido das mulheres, das deusas (Hera, Atena e Afrodite) e das princesas (Hipsípila e Medeia), e deve a esse apoio feminino boa parte de seus êxitos. Uma interessante abordagem do assunto é lançada por Zanker, considerando em primeiro lugar a posição da figura do herói na época de Apolônio: “Sua debilidade pode tê-lo tornado mais crível para uma época como a alexandrina, cética com respeito ao heroísmo tradicional; isso apoia sua confiança no falar suave. Contudo, seus atributos mais importantes são sua diplomacia, sua receptividade às mulheres e sua atração por elas” (ZANKER, citado em GUAL, 1981, p. 128-129).

Com efeito, Jasão obedece ao chamado de Hércules⁹, figura divina que lidera simbolicamente a expedição neste momento. Para fazermos um link com o *Finnegans wake*, tentando ler Jasão através das lentes com que lemos HCE, resalto as palavras de Vickery que parecem encontrar um paralelo no episódio acima, enquanto Hércules se aproxima do ideal do *longsuffering hero* (o herói resignado) descrito abaixo, em oposição aos outros: “Joyce se recusa a permitir a HCE uma fuga fácil no papel da vítima da sociedade e do herói nobre e abnegado. Ao mesmo tempo, ele é sensível à realidade e ao valor do bode expiatório e do herói resignado” (VICKERY, 1973, p. 417). Poderíamos dizer que uma atitude semelhante virá futuramente a ser aplicada sobre Jasão por Apolônio de Rodes, ao passo que o herói divinizado, e posteriormente abandonado é sempre Hércules.

⁸ Por que não pensar num paralelo relativamente patético de Jasão com Leopold Bloom ou HCE? Ver citação de Zanker logo a seguir.

⁹ Em nota ainda adiciono o seguinte paralelo, já que a despedida entre Hipsípila e Jasão é arquetípica e foi o principal modelo usado por Virgílio para a cena de despedida entre Dido e Eneias: “Congregarias, fácil, povo inumerável / de outras cidades; mas esse desejo tu / não terás, nem eu mesma prevejo tal fim. / Lembra de Hipsípila, ao partir ou retornar; / uma palavra deixa, e cumprirei qualquer / dever, se um filho teu os deuses me trouxerem” (APOLLONIUS RHODIUS, 1912, p. 124-125, 1. 893-8); “Try not to part! Be happy, dear ones! May I be wrong! For she’ll be sweet for you as I was sweet when I came down out of me mother” (JOYCE, 2000, p. 627, 7-9). “Enquanto a fantasia da companheira amante e indulgente dá lugar à visão mais mundana e perturbadora da dona de casa infeliz, a imagem desse eu-macho criada e definida por essa fêmea simultaneamente se despedaça” (DEVLIN, 2014, p. 173).



Assim sendo, o segundo ponto que destaque é o de sua partida, indo ao socorro de Hílas, seu protegido, que sumira um pouco antes.

Lançou seu galho ao chão, irado, e se apressou
pelo caminho, em ímpeto, seguindo a trilha.
Qual touro impulsionado por ferrão de inseto
que pastos abandona e campos, e que ignora
pastores e rebanhos, ora indo incessante,
ora detendo-se e o pescoço largo erguendo
para mugir, ferido pelo hostil ferrão;
assim movia ardente os joelhos sem descanso,
e quando às vezes ao empenho dava pausa
ao longe um grito colossal vociferava.
A estrela d'alva mais que os picos ascendeu,
então, e as brisas caíram; Tífis veloz
urgiu-os ao embarque e a aproveitar os ventos.

Ansiosos embarcaram; (...). (APOLLONIUS RHODIUS, 1912, p. 147, 1. 1263-76, ênfase acrescentada)

Héracles é, sem sombra de dúvidas, uma figura solitária em uma épica que certamente desenvolve traços do valor coletivo. "Além disso, nenhum tema é mais insistente em todo o poema do que o 'bem comum', a 'assistência mútua', as 'virtudes coletivas', mas Héracles é tradicionalmente uma figura de virtude solitária e de sofrimento - ele está doente numa comunidade socializada" (HUNTER, 1993, p. 26, ênfase no original). No entanto, é possível que não baste apenas uma caracterização de Héracles como um contraponto à figura de Jasão¹⁰, nem como uma figura indissociável apenas dos conceitos da força e da solidão. É certo que o herói é tido como uma figura que faz uso da força extrema para conquistar seus objetivos (cf. 2. 145-53), além de ser caracterizado como

¹⁰ Embora tenhamos que ressaltar o grande impacto que a partida de Héracles tenha tido sobre Jasão, numa confusão resolvida posteriormente apenas com a aparição de Glauco: "Sobre eles veio grande discussão, desordem / sem limites: partiram, pois, sem os melhores / de seus homens, deixando-os? Pelas penas débil, / não decidi pra mais, não decidi pra menos / o Esônida, pesada confusão roendo / seu coração; e disse Têlamon, raivoso: / 'Ficas assim tranquilo, pois a ti era cômodo / deixar Héracles; tal artimanha geraste, / que não eclipse a glória dele à tua na Hélade, / se acaso os deuses nos concedem o retorno'" (APOLLONIUS RHODIUS, 1912, p. 148-149, 1. 1284-93).



violento e selvagem (pelas Hespérides; cf. 4. 1432-49), ao contrário de Jasão, que chega a ser classificado a partir de Beye como um *love-hero*, um herói-amante¹¹. Mas parece ser bastante chamativa e pertinente a ambivalência que marca, e até determina, a figura mítica de Hércules. Nesse sentido é que valorizo as palavras de Feeney (cf. também HUNTER, 1993, p. 41) sobre o tema:

Hércules era a criatura mais proteana e ambivalente do mito grego. Ele era a própria ambivalência: herói e deus, recebendo sacrifícios divinos e heroicos em culto (...). Ou seja, ele ocupa os interstícios, as zonas de transição, potencialmente sempre uma coisa ou outra. Ele pode ser o herói da épica, da tragédia ou da comédia. (...). Ele é a força física encarnada, e também o paradigma filosófico de recursos intelectuais e autocontrole. Ele é o grande civilizador, limpando o mundo dos monstros para torná-lo seguro para os seres humanos, usando a pele não curtida de um animal. (FEENEY, 1991, p. 95)

Com efeito, Apolônio parece manter esse elemento de ambivalência em sua narrativa. O herói percorre o seu caminho para adentrar a esfera do divino, cada vez mais. No canto primeiro vemos um Hércules que age entre a sábia restrição e a violência física. Mesmo sendo um herói humano, tido em alguma medida como um herói que se encaixa no paradigma homérico, não obstante se vê no próprio livro primeiro o anúncio de Glauco aos heróis de que Hércules se tornará um deus, caso vença as tarefas de seu fado¹² (cf. APOLLONIUS RHODIUS, 1912, p. 149, l. 1310 ss.). A composição desse personagem, quando temos em vista tamanha gama de características únicas, faz com que Hércules dificilmente consista apenas numa oposição ao paradigma heroico representado por Jasão. Mais que isso, ele representa o desprendimento da esfera coletiva e humana representada pela expedição daqueles heróis, partindo, assim, “através do deserto, em direção ao divino, para fora do poema” (FEENEY, 1991, p. 98).

Vale ressaltar o que é lembrado pelo próprio Feeney (citado em GOLDHILL, 1991, p. 313 ss.), de que não há um modo simples e unicamente definido de heroísmo, mesmo dentro da literatura de Homero, e uma

¹¹ Ver: BEYE, C. F. *Jason as love-hero in Apollonios' Argonautica*, Greek, Rom. and Byz. Stud. 10 [1969], p. 31-55.

¹² Hunter ainda sugere em nota uma confluência de elementos presentes no *Canto 1*, que prefiguram a separação de Hércules do resto do grupo, dos quais o clímax é o episódio de Hílas: “Fica claro que a fala de Glauco (l. 1315-22) sugere em retrospecto que forças divinas estão em atuação a todo momento durante o caminho – a quebra do remo, o passeio de Hílas, o súbito aumento do vento (...). A ausência de anteriores referências explícitas à ação divina ilustra bem a diferença, nesse aspecto, entre Apolônio e Homero” (HUNTER, 1993, p. 36).



hiperssimplificação de leituras que tendem a ver um contraste e uma reescrita radical por parte de Apolônio contribuiriam para um empobrecimento interpretativo. Assim, Hércules deve ser visto como uma figura extremamente polivalente, como vimos na citação de Feeney logo acima, além de ser um modelo impossível de ser seguido pelos outros heróis. Além disso, Feeney lembra como em outros momentos da épica, principalmente no canto segundo, os demais heróis tentam se aproximar, realizar feitos e se aproximar da altura dos feitos de Hércules, obviamente sem o mesmo sucesso. Mais do que isso, os feitos desse semideus e a falta sentida pelos outros por causa de suas habilidades extraordinárias são recorrentemente lembrados e comentados. Ou seja, de certo modo, mesmo que a separação de Hércules da expedição seja ainda muito recente no final do canto primeiro, podem-se ver alguns indícios que Hércules, em vários aspectos de seu modo de heroísmo, já é inalcançável pelos demais heróis, o que o torna, embora ainda não completamente divino, já separado da esfera humana.

Assim, minha leitura vai no sentido de aproximar essa partida da esfera do humano em direção ao divino de Hércules, em Apolônio, da partida arquetípica dos personagens de Joyce, que se vão embora em termos de desvanecimento/renascimento, de maneira cíclica e, por que não, divina. A partida e a morte do herói dentro da expedição conduzem a um novo renascimento: "Por que intentais, contrários ao que Zeus deseja, / conduzir Hércules à cidadela de Eetes? / Pois é seu fado que ao petulante Euristeu, / em Argos, cumpra doze trabalhos, exausto, / e vá habitar a casa de imortais, cumprindo / os que inda restam; não sofraís por ele em vão" (APOLLONIUS RHODIUS, 1912, p. 150, l. 1315-20). Diz Devlin sobre os heróis sobre os heróis andarilhos de Joyce:

Como Odisseu, Joyce era um andarilho implacável, talvez o mais vadio dos autores do século vinte. Seus protagonistas masculinos dividem invariavelmente essa predileção pelo vaguear: se as perambulações de Stephen e de Bloom nos conduzem por uma odisséia externa através do labirinto de Dublin, as perambulações de HCE, o disperso wakeano adormecido (...), nos levam numa odisséia interna através do labirinto do sonho. ("Well, he was wandering, you bet, whatever in this matter, in his mind too" [FW 508]). (DEVLIN, 2014, p. x)

Oras, como qualquer força natural e também divina, tal como Hércules coberto em sua sábia selvageria pela pele do animal, tal como os selvagens andarilhos sexual-sonhadores de Joyce, por que não atribuímos a tais personagens a sacralidade da besta selvagem, tal como é descrito por Frazer?



(O selvagem) geralmente acredita que os animais são dotados de sentimentos e de inteligência como os homens, e que, tal como os homens, que eles possuem almas que sobrevivem à morte de seus corpos para vagar como espíritos desencarnados ou para nascer de novo em forma animal. (FRAZER, 2009, p. 457)

CONCLUSÃO

De certo modo, dentro da interpretação que propusemos neste pequeno ensaio, a ligação da morte com a partida mostra o enfrentamento dos personagens com sua própria ruína, ou, visto de modo mais positivo, com seu próprio momento de virada, transformação e elevação. O renascimento, elemento tão claramente recorrente no *Finnegans wake*, pode ser lido metaforicamente na obra de Apolônio, nos momentos em que Jasão, ao enfrentar diversas crises, pode vir a tornar-se um herói completo e o líder da expedição; nos momentos em que Hipsípila, tal como Dido, vislumbra a fatalidade de sua relação com o herói e o seu incerto futuro pessoal; nos momentos em que Hércules passa gradualmente da esfera do humano para a esfera do divino, excluindo a sua presença de dentro da Argo e partindo pelo deserto, em direção ao divino, para fora do poema, escorrendo num rio tal como ALP para juntar-se aos seus pais, o grande mar, o grande céu dos bem-aventurados.

Encerro este ensaio com as palavras escritas por nossos dois autores: Apolônio de Rodes, nos versos finais do *Canto 1* das *Argonáuticas*, abrindo o novo ciclo do canto seguinte com o nascer do sol, e Joyce, na ocasião do renascer de HCE e do recorrente nascer do sol, o eterno amanhecer de *Finnegans wake*:

Por todo o dia e noite leva a nau o vento,
que soprava com força; mas nenhum soprar
havia co' surgir da aurora, e avistaram
um cabo que do golfo parecia largo,
e acostaram com remos ao nascer do sol. (APOLLONIUS
RHODIUS, 1912, p. 152, l. 1358-62)

It was a long, very long, a dark, very dark, an allbut unend,
scarce endurable, and we could add mostly quite various and



somenwhat stumblumbling night. Endee he sendee. Diu! The has going at gone, the is coming to come. Greets to ghastern, hie to morgning. Dormidy, destady. Doom is the faste. Well down, good other! Now day, slow day, from delicate to divine, divases. Padma, brighter and sweetster, this flower that bells, it is our hour or risings. Tickle, tickle. Lotus spray. Till herenext. Adya. (JOYCE, 2000, p. 598, 6-14)

REFERÊNCIAS

APOLLONII RHODII. *Argonavtica*. Recognovit brevique adnotatione critica instrvxit: Hermann Fränkel. New York: Oxford University, 1961.

APOLLONIUS RHODIUS. *Argonautica*. London: Longmans; Green, 1912.

BARTH, V. F. *O canto I das Argonáuticas de Apolônio de Rodes: ensaios de interpretação, tradução poética e notas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, 2013.

BEYE, C. R. *Epic and romance in the Argonautica of Apollonius*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University, 1982.

DEVLIN, K. J. *Wandering and return in "Finnegans wake": an integrative approach to Joyce's fictions*. Princeton: Princeton University, 2014.

FEENEY, D. C. *The gods in epic: poets and critics of the classical tradition*. Oxford: Clarendon, 1991.

FRAZER, J. G. *The golden bough*. Oxford: Oxford University, 2009.

GOLDHILL, S. *The poet's voice: essays on poetics and Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University, 1991.

GUAL, C. G. *Mitos, viajes, héroes*. Madrid: FCE, 2011.

HUNTER, R. L. *The Argonautica of Apollonius*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

JOYCE, J. *Finnegans wake*. London: Penguin Classics, 2000.

NOVO TESTAMENTO. *Novo testamento hebraico-português*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Cambridge: The Society for Distributing the Holy Scriptures to the Jews, 1965.

VICKERY, J. B. *The literary impact of The golden bough*. Princeton: Princeton University, 1973.

